



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: ADMINISTRAÇÃO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA

**A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E
COMO FERRAMENTA GERENCIAL**

MAURÍCIO SERRA VIANA BEZERRA DE SOUZA
Matrícula nº 2080085/1

PROFESSOR ORIENTADOR:
GILBERTO GOMES GUEDES

Brasília/DF, Outubro de 2010.

MAURÍCIO SERRA VIANA BEZERRA DE SOUZA

**A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E
COMO FERRAMENTA GERENCIAL**

Trabalho de Curso (TC) apresentado
como um dos requisitos para a conclusão
do curso Administração de Empresas do
UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília.

Professor Orientador: Gilberto Gomes
Guedes

Banca examinadora:

Professor: Gilberto Gomes Guedes
Orientador

Professor: Marcelo Gagliardi
Examinador

Professora: Érika Costa Vieira Gagliardi
Examinadora

Brasília/DF, Outubro de 2010

A FENOMENOLOGIA COMO MÉTODO DE PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E COMO FERRAMENTA GERENCIAL

Maurício Serra Viana Bezerra de Souza¹

Resumo

Este artigo trata do método fenomenológico e da sua possibilidade de aplicação nas áreas gerenciais e nas áreas de pesquisa em administração. Por ser um método pouco desenvolvido conhecido, a sua aplicação é restrita em comparação com outros métodos. Como consequência, os pesquisadores em geral, incluindo os da área de administração, deixam de explorar temas de pesquisa por um ângulo diferente daqueles propostos pelos métodos mais conhecidos, logo, restringindo o campo geral de conhecimento. Há dificuldades inerentes ao uso deste método, principalmente no que tange à sua concretização teórica e na sua adaptação à área de pesquisa, já que se trata de um método de pesquisa filosófico. O seu foco na experiência fenomenológica promove uma mudança de perspectiva quanto a temas de pesquisa, onde a experiência do ser (humano, ou qualquer outro que possua consciência, no sentido fenomenológico) é em si a fonte de informações básica diante de qualquer fenômeno. O ser passa a ser o agente central da ciência, no sentido de consciência de mundo. O foco no indivíduo integra-se com a visão humanista da administração. Uma vez desenvolvido o método fenomenológico, a sua aplicação gerencial e em pesquisas é possível, ampliando os horizontes de percepção da ciência geral e administrativa em relação ao universo em que está inserida e dos seus principais agentes, os seres.

Palavras-chave: Fenomenologia; Administração; Percepção; Ser; Experiência; Aplicação gerencial.

¹ Discente do 6º semestre do curso de Administração do UniCEUB

1 INTRODUÇÃO

No século 19, em decorrência do ressurgimento do questionamento da existência do homem no meio filosófico, surgiu o movimento denominado Existencialismo. A influência deste pensamento pode ser percebida até hoje, não só na filosofia, mas na cultura em geral, incluindo nas artes e nas ciências.

O método científico, considerando-se todas as idealizações, do passado e do presente, de um método de investigação que derive conhecimento ao homem, é algo que está em constante devir. É o constante questionamento que promove a evolução do método.

Tendo em vista as bases de pensamento construídas pelo Existencialismo, Edmund Husserl propôs aquilo que seria o método que investigaria por meio de uma radicalização, não só da ciência, mas do próprio homem e da sua visão do mundo onde vive: o método fenomenológico.

A questão que se deseja responder com o presente artigo é se é possível aplicar o método fenomenológico em pesquisas e como ferramenta gerencial na área de Administração. O objetivo geral deste artigo é discutir as possibilidades de aplicação deste método em pesquisas na área de Administração e como ferramenta de uso gerencial em empresas.

Para alcançar este objetivo, objetivos secundários deverão ser cumpridos. Primeiramente, a fenomenologia e a administração serão contextualizadas. A administração somente será tratada até o ponto onde o ser humano passa a ser um tema relevante, de modo a entrar em alinhamento com a proposta fenomenológica no que tange o ser humano. Uma vez explanados ambos os assuntos, far-se-á uma análise da fenomenologia em si, a título de exploração lógica do tema e construção de ligações entre o mesmo e o campo teórico passível de aplicação. Isso contribuirá para criar um universo temático rico, onde será mais fácil encontrar vários elos entre a fenomenologia e a sua aplicação na administração tanto nos campos de pesquisa como ferramentas gerenciais.

O objetivo tem caráter exploratório (GIL, 1999), apoiado em pesquisa bibliográfica. O problema será abordado em caráter qualitativo.

A motivação para escrever um artigo com este tema advém da escassez de discussão na comunidade acadêmica acerca do método fenomenológico, o que resultou no seu “atrofiamento” como método em relação aos outros. A carência de

bases sólidas dificulta a sua aplicação, e com isso, a ciência deixa de analisar questões de pesquisa sobre um ângulo diferente daqueles propostos pelos métodos mais populares. Para a administração, a disponibilidade de novas ferramentas e conceitos que ajudam a pesquisar e entender o ambiente de trabalho e os funcionários é imprescindível não só para o desenvolvimento da administração em si, mas para o desenvolvimento humano nas organizações.

2 FENOMENOLOGIA

Kockelmans (1994) apud Moreira (2002) afirma que:

Husserl nem sempre descreveu o objetivo da Fenomenologia da mesma maneira. No começo, o método fenomenológico devia fazer uma contribuição aos fundamentos das ciências formais. Numa segunda fase, Husserl descreveu o objetivo da Fenomenologia como pertencente a toda ciência e toda forma de conhecimento. [...] No final da sua vida, Husserl começou a acrescentar a este a tarefa fundamental da Filosofia fenomenológica com respeito a todas as formas de vida humana. (Kockelmans, 1994)

Zilles (1994) apud Moreira (2002), cita que este autor propõe as principais características do método fenomenológico. De acordo com a sua visão:

a) É um método derivado de uma atitude, que presume ser absolutamente sem pressupostos, tendo como objetivo proporcionar ao conhecimento filosófico as bases sólidas de uma ciência de rigor, com evidência apodídica

b) Analisa dados inerentes à consciência e não especula sobre cosmovisões, isto é, funda-se na essência dos fenômenos e na subjetividade transcendental, pois as essências só existem na consciência.

c) É descritivo, conduzindo a resultados específicos e cumulativos, como no caso de investigações científicas; não faz inferências nem conduz a teorias metafísicas.

d) Como conhecimento fundado nas essências, é um saber absolutamente necessário, em oposição ao conhecimento fundado na experiência empírica dos

fatos contingentes.

e) Conduz à certeza e, por conseguinte, é uma disciplina *a priori*.

f) É uma atividade científica no melhor sentido da palavra, sem ser, ao mesmo tempo, esmagada pelas pressuposições da ciência e sofrer suas limitações.

Moreira (1996) cita que muitas vezes é considerado que o método fenomenológico é representado unicamente pela redução fenomenológica, como na visão de Natanson (1973).

Mesmo depois de tanto tempo desde a morte de Husserl (1859 - 1938), até os dias de hoje ainda existem muitas controvérsias e discussões acerca do que é o método fenomenológico. Tudo isso porque nem mesmo o próprio Husserl deixou claro do que se tratava, por conta do seu hábito, adquirido por meio da sua formação como matemático, de ser muito rigoroso e preciso em seus pensamentos, e isso incluía o constante aperfeiçoamento de suas idéias, o que as colocava em um estado de mudança constante, e portanto, nunca estando completamente formuladas.

A ambição de Husserl era o de elevar a filosofia ao status de ciência rigorosa, com um método estruturado e fundamentos lógicos bem definidos. Filosofar é investigar a essência das coisas. Essência é aquilo que fundamentalmente constitui algo, ou seja, aquilo que sem, algo não pode existir. Portanto, o método filosófico de investigação deveria entrar em contato com os princípios fundamentais das coisas, onde apenas a experiência destas seria válido. Experienciar é estar consciente, por meio da percepção, de algum fenômeno.

2.1 Consciência, Percepção e Fenômenos

A fenomenologia, como o termo sugere, gira entorno da percepção dos fenômenos em sua natureza fundamental, ou seja, do modo como são percebidos pela consciência do ser. Estar consciente de algum fenômeno implica estar ciente de sua presença, suas características e seus efeitos em um dado “universo de experiência”. O universo de experiência constitui-se de tudo aquilo que é exterior à própria consciência, à própria percepção dos fenômenos.

Os sentidos, portanto, são ferramentas que coletam informações acerca de um fenômeno, e estas informações são percebidas pela consciência. No entanto, não apenas por meio dos sentidos podemos estar cientes de algo.

2.2 Intenção e Intuição

Se os fenômenos são tudo aquilo exterior à consciência e que pode ser percebida pela mesma, pensamentos e emoções também fazem parte do universo de experiência. A emoção da alegria, por exemplo, gera uma série de reações físicas e estados de humor que a caracterizam. Estas características são as características de um fenômeno que é percebido pela consciência.

Quando se imagina algo, como um objeto, ou alguma emoção, a imagem formada deste algo preenche uma intenção da consciência a este algo. Intenções, portanto, são idéias puras de algum fenômeno, e quando a consciência preenche estas intenções com imagens, pensamentos e emoções, a mesma está em processo de intuição.

Husserl opõe à atitude natural, onde o ser que experiencia um fenômeno o coloca como exterior e real, a atitude filosófica, onde não importa aquilo que é ou não é real, pois tudo o que é experienciado pela consciência é um fenômeno. Trata-se de uma posição radical perante o universo de experiência, onde tanto uma manifestação física ou emocional de um fenômeno são igualmente válidas.

2.3 Reduções

O método fenomenológico, para Husserl, não deve questionar o “por que” do fenômeno, quais as suas consequências, mas tão somente estar focado em percebê-lo e descrevê-lo da forma como se apresenta à consciência. Desta forma, a sua proposta é a de formular o conhecimento fundamental, que é a própria experiência anterior a qualquer especulação racional. Para alcançar o estado de consciência pura, livre de qualquer julgamento que possa interferir na experiência do fenômeno em si, por parte daquele que experiencia, a redução do ser, ou *epoché*, é necessária. Este é o processo onde o ser como um todo, menos a consciência, é suspensa. Assim, os conhecimentos, conceitos e julgamentos do ser que experiencia são momentaneamente eliminados, de modo que apenas a experiência

do fenômeno reste.

O objetivo do método é alcançar a essência das coisas. A experiência de algo por meio da nossa percepção nos transmite o fenômeno em uma de suas formas, porém, é provável que o mesmo não esteja se manifestando em sua forma pura, mas sim, envolto em uma série de “véus” de idéias que encobrem a sua verdadeira natureza. Para se chegar ao seu princípio fundamental, um fenômeno deve ser submetido ao processo de variação mental. Deste modo, o mesmo fenômeno é posto em uma série de situações diferentes, onde, por meio da imaginação, é possível observar as suas diferentes manifestações, e perceber nas mesmas qual aspecto se manteve imutável, sendo este a sua natureza fundamental, ou, *eidós*.

2.4 A Transferência do Método à Área de Pesquisa

Segundo Moreira (2002), Karl Jaspers foi, provavelmente, o primeiro a usar algo próximo ao método fenomenológico na área de pesquisa, em sua obra *Psicopatologia Geral*. Nesta obra, Jaspers considerou que os fenômenos vivenciados pelos pacientes deveriam ser interpretados por meio da própria experiência dos mesmos. Ainda segundo Moreira, o transporte do método fenomenológico ao campo de pesquisa é dificultoso, já que se trata de um método filosófico de pesquisa, e ficou durante muito tempo apenas no campo abstrato. Por isso, várias adaptações são necessárias para que sua aplicabilidade seja possível (já que não era intenção de Husserl desenvolver um método de pesquisa fora do contexto filosófico). Em sua totalidade, algumas características da fenomenologia foram mantidas nos métodos adaptados à pesquisa científica, em especial as reduções (tanto fenomenológica, para se achar o *eidós*, e a *epoché*). Em geral, o método de coleta de dados nestas adaptações é por meio de entrevista (estruturada, semi-estruturada ou aberta), acerca da experiência que se quer relatar. As principais diferenças entre os métodos propostos encontram-se na compilação destas informações e na análise dos dados.

Dentre todas as adaptações, a mais relevante à discussão deste artigo é o método fenomenológico de Sanders, por ter florescido no contexto da pesquisa organizacional.

2.5 O Método de Sanders

Para Sanders (1982) apud Moreira (2002), a pesquisa fenomenológica se divide em três etapas: delimitação do tema fenomenológico a ser pesquisado e os sujeitos submetidos à pesquisa, coleta de dados (por meio de pesquisa estruturada ou parcialmente estruturada), e por fim a análise fenomenológica dos dados.

Sanders propõe que os temas não passíveis de quantificação são candidatos à pesquisa fenomenológica. Quando delimita-se os sujeitos a serem entrevistados, deve-se escolher aqueles que possam fornecer informações sobre o fenômeno por meio de sua experiências. Deve-se tomar precauções, no entanto, quanto à quantidade de pessoas entrevistadas, uma vez que, para Sanders, é preferível a investigação a fundo de poucos sujeitos do que uma coleta superficial de muitos.

A etapa de análise fenomenológica consiste no estudo detalhado das informações assim como foram dadas pelos sujeitos pesquisados, pois, na forma e nas palavras usadas, estão contidas as características tanto da experiência quanto da consciência individual. Uma vez coletados os dados, agrupa-se os temas de acordo com a sua centralidade e relevância dentro do que foi coletado. A autora propõe ainda que a *epoché* seja aplicada ao pesquisador, para fins de não distorcer os dados obtidos do sujeito entrevistado por meio das próprias convicções do entrevistador.

Moreira (2002) ainda cita que existem ainda os métodos de Van Kaam (1959), Colaizzi (1978) e Giorgi (1985), que, em comparação com o método de Sanders, diferem principalmente na etapa de análise dos dados, onde cada autor considerou passos diferentes a serem seguidos, porém, com o mesmo fim de se encontrar as essências dos temas pesquisados.

3 UMA BREVE HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO

Segundo Maximiano (2004), a partir de 1884, o engenheiro Frederick Winslow Taylor começou a observar as deficiências do processo fabril. A partir de seus estudos, ele desenvolveu o que foi chamado de administração científica. Após identificar todos os problemas que impediam que o processo de fabricação nas empresas fosse eficiente, ele desenvolveu o que chamou de *shop management* (gerência de oficina), focando principalmente no estudo de eficiência trabalhador-

máquina. Entre as técnicas de eficiência desenvolvidas, como padronização de ferramentas, cartões de instruções e cálculo de custos, a sua contribuição mais conhecida é o estudo de tempos e movimentos, ou seja, a otimização da produção por meio da mensura do tempo levado para se executar uma tarefa e desenvolvimento de soluções para minimizá-lo. A partir de 1911 o grande público tomou conhecimento desta teoria, o que proporcionou a sua rápida popularidade e aplicação em empresas até hoje.

Ainda segundo Maximiano, as empresas industriais modernas usam uma combinação da administração científica com as teorias de linha de montagem de Henry Ford. Sua teoria enfoca o aspecto da produção em massa (não-diferenciáveis) e as melhores práticas para aperfeiçoá-la. Basicamente, Ford idealizou dois princípios: divisão do trabalho, onde cada pessoa no processo produtivo tem uma tarefa fixa, e a fabricação de peças padronizadas. Porém, Henri Fayol, em 1916, percebeu que a administração deveria ser uma função a parte da empresa, ou seja, separadas das operações técnicas. Foi ele quem introduziu as funções administrativas: Previsão, Organização, Comando, Coordenação e Controle, além de definir o papel dos dirigentes na organização e os princípios administrativos.

Maximiano aponta que estes três precursores da administração moderna negligenciavam o fator humano nas organizações. Os trabalhadores eram considerados como peças do processo produtivo, e tratados como tal. Foi nos anos de 1927 e 1933 que foi desenvolvido o estudo de Hawthorne por pesquisadores da Universidade de Harvard na *Western Electric Company*. A conclusão do estudo, a princípio, foi que não havia correlação direta entre as condições de trabalho e a produtividade dos funcionários. Porém, Maximiano cita que Elton Mayo, ao analisar em mais profundidade o processo e os resultados obtidos com o estudo, concluiu que os sistemas sociais tinham impacto no desempenho, e por isso, os resultados obtidos não estavam diretamente relacionados apenas às condições de trabalho, mas também aos grupos sociais formados para executar o trabalho, e o impacto que o grupo tinha nos indivíduos. A partir disso, a administração começou a focar nas relações humanas e comportamentais como sendo um fator determinante nas organizações.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O conceito investigativo da Fenomenologia não trata da consciência como reservatório de pensamentos, de complexos ou experiências inconscientes, mas sim, como uma ferramenta que percebe os fenômenos que ocorrem ao seu redor. Todo fenômeno, portanto, é exterior à consciência, uma vez que na Fenomenologia o sujeito consciente focaliza a sua percepção na mesma. Tudo aquilo exterior à consciência é considerado um fenômeno, inclusive o próprio corpo do sujeito. Quando alguém se coloca nesta postura de investigação, o ser se reduz ao simples experienciar e perceber. Se a percepção de algum fenômeno dá-se por meio sensorial, intuitivo, se é de natureza emocional ou física, o porque deste fenômeno ocorrer, as consequências do fenômeno no futuro, são irrelevantes. A mera percepção de algo que se apresenta à consciência é o que importa, e é neste ponto que a fenomenologia torna-se o método primordial de investigação do mundo, pois não é o produto de processo lógico, mas sim a gênese de todas as ciências: a percepção de que algo existe. A documentação precisa dos modos como este fenômeno se apresenta constitui a unidade básica do conhecimento, o ponto de partida para qualquer investigação ou dedução lógica.

Para que este processo de percepção pura aconteça é absolutamente necessário que aquele que experencia ponha-se no estado de *epoché*, ou seja, suspenda todos os seus conhecimentos, todos os seus conceitos, experiências anteriores que possam atrapalhar na percepção pura de um fenômeno. Deste modo, o método primeiro da fenomenologia é em si a suspensão do ser racional, e a sua redução ao ser consciente.

No entanto, a redução total do ser (no caso humano) à unidade consciente é impraticável. Fazendo um paralelo com Senge (2008), os seres humanos acumulam em suas mentes o que ele chama de “imagens mentais”. Estas imagens são formadas pela experiência humana com situações ao longo da vida, que formam na mente as intenções das coisas. Estas intuições, na sua grande maioria, estão carregadas não só com imagens, mas com cargas emocionais e lembranças de experiências físicas às quais foram acrescentadas outras informações por meio do exercício do raciocínio e da comparação com outras experiências relacionadas.

Para ilustrar melhor estes conceitos, ele será exemplificado da seguinte maneira: a palavra “fantasma” não significa nada a não ser que algum indivíduo

agregue à mesma uma série de idéias que são preenchidas por imagens, emoções, cheiros, e todas as experiências a que um indivíduo associa à palavra “fantasma”. Uma palavra não carrega, portanto, o mesmo significado a mais de um indivíduo, pois cada um experienciou, percebeu e agregou coisas diferentes à palavra “fantasma”. Consideram-se duas pessoas hipotéticas, que cada uma teve uma experiência diferente a que as duas chamam de “fantasma”. A primeira pessoa já havia formado uma imagem mental de “fantasma” por meio da imaginação, pois ouvira falar a que são pessoas mortas que aparecem aos vivos normalmente à noite, é possível se ver através deles, aparecem de repente e são capazes de interagir fisicamente com alguém. Esta primeira pessoa, ao ouvir esta descrição, concretizou em sua mente que ela deve ter medo destes seres. À noite, toda vez que ouvia um barulho em sua casa, que não sabia de onde vinha, a imagem mental de fantasma, por meio da associação das idéias com a situação, vinha à sua mente e ela experienciava medo. Por conta destas experiências, ela associou figuras assustadoras ao fenômeno.

Uma segunda pessoa ouviu dizer que fantasmas são pessoas mortas que querem se comunicar com os vivos para pedir ajuda porque estão com medo, desesperadas e confusas, e que só aparecem e fazem barulhos na casa para chamar a atenção, e também que não se deve ter medo deles. Esta pessoa agregou à palavra fantasma conceitos, idéias, imagens e emoções diferentes da primeira.

As palavras, portanto, tem o propósito de transmitir um “pacote” de conceitos, idéias e emoções que experienciamos e agregamos às mesmas. As idéias relacionadas às palavras que queremos passar só fazem sentido para outra pessoa se a mesma também tiver agregada a elas conceitos semelhantes aos de quem transmite. Se, por exemplo, um indivíduo falar a palavra cadeira para alguém, imaginando um objeto feito para se sentar, com quatro bases que a sustentam e um encosto para as costas, a alguém com um vocabulário em que a palavra “cadeira” está associada a um objeto usado para apoiar os pés para serem limpos, haverá um problema de comunicação.

A imaginação tem um papel importante nas intuições, pois é ela quem constrói, a partir de uma intenção, as imagens mentais acerca de alguma coisa, a não ser que alguma outra experiência sobreponha a imagem formada e mude-a. Quando considera-se o cotidiano humano, estamos constantemente experienciando vários fenômenos à nossa volta, e à medida em que eles ocorrem, evocamos

imagens mentais com características que remetem ao fenômeno. O cotidiano é repleto de experiências que reforçam, acrescentam e modificam imagens mentais.

Se considerarmos um cidadão adulto que tem uma fonte de sustento, é provável que boa parte das horas do seu dia são ocupadas pelo trabalho (a quantidade de horas varia a cada caso em particular). Dentro do ambiente de trabalho, a interação com outras pessoas e com o ambiente transforma um simples escritório em um lugar onde o indivíduo fica consciente de várias experiências. O cheiro do café e do papel recém impresso, o som dos passos e da fala do gerente de área, a cor do terno do empregado ao lado, o sentimento de medo e o “frio na barriga” antes de apresentar um relatório ao chefe, enfim, são inúmeros os fenômenos a que um indivíduo fica consciente quando ele está em um ambiente de trabalho.

Se remontarmos às origens da ciência Administração, percebemos que ela derivou de observações e esforços de engenheiros. Os trabalhadores eram tratados como peças mecânicas que se complementavam a fim de se fabricar algo, e eram tratados como peças. Foi recentemente que a Administração começou a focar a sua atenção às pessoas como base nas quais as empresas se sustentam, afinal, uma empresa só existe porque pessoas dedicam o seu tempo e energia para que ela continue funcionando e alcance os seus objetivos.

Tendo cada indivíduo uma percepção diferente acerca dos fenômenos ao seu redor, e conseqüentemente imagens mentais diferentes sendo formadas em cada um, é uma visão restrita pensar nos trabalhadores como iguais. Ora, as imagens mentais constituem a identidade de alguém. Os conceitos formados a partir destas imagens é o que determina como o indivíduo entende o mundo ao seu redor. Este entendimento é o que direciona uma pessoa a seus objetivos pessoais, desejos, necessidades, enfim, todos os aspectos da vida.

Se cada indivíduo tem experiências diversas acerca dos fenômenos à sua volta, então as pessoas podem ser chamadas de “indivíduos”, com o sentido de que cada um tem uma individualidade em relação a todos os outros seres humanos, pois a combinação de experiências, a percepção das mesmas, a imaginação, o raciocínio, as imagens mentais associáveis à percepção de algo, criam possibilidades infinitas de imagens mentais.

Para ilustrar melhor o que foi dito é necessário um exemplo. Novamente imagina-se dois indivíduos hipotéticos. Eles são trabalhadores em uma empresa,

exercem as mesmas funções, ocupam o mesmo cargo, chegam no mesmo horário, nasceram na mesma cidade, em famílias com a renda similar. Ambos desejam ocupar o cargo de diretor. Quando analisamos esta cena formulada, eles aparentam ser pessoas iguais, porém, por conta das imagens mentais formadas por cada um, fruto de suas diferentes percepções do mundo à sua volta, o motivo pelo qual cada um quer chegar ao cargo de diretor é diferente. O primeiro indivíduo quer ocupar o cargo de diretor porque este cargo ganha muito mais do que aquele que ocupa atualmente. O segundo deseja ocupar o cargo de diretor pelo status decorrente da posição. A pergunta que se deve fazer é o que está por trás destas motivações tão diferentes advindas de indivíduos tão semelhantes aparentemente. A resposta está nas experiências de cada um.

O primeiro, ao longo de sua vida, percebeu que as pessoas, a quem a sua família se relacionava, que tinham mais dinheiro, eram respeitadas. Ele ouvia que com o dinheiro era possível comprar objetos que todos invejariam, e conseqüentemente, lhe respeitariam. O indivíduo logo concluiu, por meio do raciocínio associativo, que a única motivação para o qual alguém deveria viver e trabalhar em uma empresa era acumular dinheiro para comprar bens, e por meio destes bens, a “felicidade” seria alcançada. Já o segundo indivíduo, passou a vida vendo como as pessoas que ocupavam cargos importantes eram respeitadas, enquanto que aqueles que exerciam trabalhos braçais ou posições consideradas “inferiores” pela cultura, eram menosprezadas, sendo motivo de chacota e sofrendo exclusão do convívio social. Ele não querendo isso para si, logo concluiu que o motivo pelo qual se trabalha é a busca por status social por meio da posição que se ocupa na sociedade.

Ambos os empregados a que se deu o exemplo, à primeira vista pareciam iguais, porém, após uma análise mais profunda das suas experiências, descobriu-se que, tratavam-se de indivíduos muito diferentes. Se o responsável pelo setor em que eles trabalham decidisse motivá-los, após esta análise individual, fica evidente que não se pode oferecer coisas iguais a ambos. Ao indivíduo que busca o dinheiro, a posição na empresa não é importante, e sim o quanto se ganha pelo trabalho. Ao segundo, o dinheiro que ganha não é tão importante, mas sim a posição que se ocupa na empresa. No fim, ambos desejam essencialmente a mesma coisa: reconhecimento e a chamada “felicidade” (que provavelmente carrega em si uma carga de conceitos totalmente diferente para um e outro), porém, os meios pelos

quais cada um acredita alcançar ambas as coisas diferem muito, por conta das experiências que cada um teve durante a vida, e as imagens mentais decorrentes.

Sendo a individualidade de uma pessoa construída por meio da percepção/experiência de fenômenos, e a conseqüente construção de imagens mentais, existe ainda a interação entre individualidades, ou seja, quando um indivíduo interage com outro.

Quando um indivíduo interage com outro, a própria interação, do ponto de vista individual, trata-se de um fenômeno experienciado, onde o outro é o fenômeno em si. Quando há esta interação entre pessoas, seja por meio de palavras, gestos, ou outra forma de comunicação, se expressa, na forma de símbolos, as imagens mentais de cada um. Como dito antes, uma palavra dita tem o seu real sentido apenas para o indivíduo, sendo que expressam uma imagem mental de algo. Expandindo-se este conceito, todos os pensamentos traduzidos na forma de símbolos só possuem a totalidade do seu sentido para o indivíduo que simboliza, uma vez que expressam um conjunto de modelos.

Uma vez que a interação ocorre, a comunicação de símbolos, com o intuito de comunicar algo, toma o caráter de fenômeno na medida em que, logicamente, o outro se trata de algo externo à consciência. Sendo o outro um fenômeno que se experiencia, logo uma imagem mental do outro é formada a partir da interação, com base nas características percebidas. A percepção neste caso não está em função apenas daquilo que é experienciado pelos sentidos, mas há também a experiência da própria individualidade transmitida, por meio de símbolos, que é decodificada com base nos modelos mentais daquele que experiencia.

Hipotetiza-se dois homens jovens que entram em processo de interação. O primeiro jovem veste roupas de marca, tem a postura ereta, e usa linguajar formal. O segundo, veste roupas escuras com vários nomes de bandas, usa brinco, tem cabelo comprido, usa linguajar informal e tem a postura mais desleixada. Antes mesmo de qualquer comunicação ativa (chama-se de comunicação ativa aquela em que há a participação ativa de quem comunica, por meio de uma ação que transmite símbolos), há a comunicação passiva de símbolos, transmitidos pela experiência visual que cada jovem tem do outro, e sua conseqüente interpretação com base nos modelos mentais previamente construídos.

Do ponto de vista do primeiro jovem, as roupas usadas pelo segundo, simbolizam, por exemplo, que ele é uma pessoa agressiva, que gosta de ouvir

músicas de gosto duvidoso, que é um desordeiro e que, por consequência do meio em que convive, é um usuário de drogas. Já a interpretação da figura do primeiro jovem pelo segundo, lhe transmite que ele é uma pessoa supérflua, sem ideais, conformada com o mundo ao seu redor, que frequenta festas com músicas de gosto duvidoso, e que, por que frequenta este meio, é um possível usuário de drogas sintéticas. A decodificação da simbologia passiva acarreta no agregamento destes símbolos entendidos à individualidade percebida da outra pessoa. A individualidade percebida sempre é um entendimento incompleto e distorcido da individualidade real de alguém, pois os símbolos transmitidos, como antes ditos, têm o seu sentido real apenas à pessoa que os transmite, assim como o símbolo percebido tem um sentido particular a cada um, de acordo com a interpretação dada por meio dos modelos mentais.

Quando a comunicação ativa ocorre, no caso anterior, já ocorreu antes a comunicação passiva, e, portanto, um entendimento prévio já foi formado. Este entendimento da parte de cada um deles pode provocar diversas posturas em relação ao outro, dependendo do tipo de modelos individuais que foram gerados. Pode ser que, no exemplo, os jovens sintam repulsa um pelo outro, uma vez que representam modelos opostos a aquilo que são, ou podem sentir atração simpática, por se tratar de um oposto que se tem interesse em experienciar. Quando eles ativamente interagem, cada um transmite símbolos que a um tem um sentido, mas que para o outro pode assumir um sentido completamente diferente. Não só as palavras, mas gestos, expressões faciais, e vários outros elementos são utilizados para se transmitir uma idéia, e cada um destes símbolos, da mesma forma como ocorre com a fala, assume sentidos diferentes para cada um. Eventualmente, podem surgir idéias que tentam ser transmitidas por meio de algum símbolo que não faz parte do vocabulário simbólico do outro, o que provocará uma falha e um problema de comunicação, pois a explicação do símbolo deverá ser dada para que a comunicação seja efetuada.

Quanto à postura previamente adquirida, ela influenciará na comunicação e na interação fortemente. Supõe-se que o segundo jovem aborda o primeiro dizendo “olá”. Se o primeiro jovem assumir previamente uma postura defensiva, por conta da decodificação dos símbolos do segundo que transmitiram a idéia de “ameaça”, é possível que o primeiro jovem ignore o segundo, interaja de forma cautelosa respondendo com um “olá” comedido, ou tome uma atitude radical, como chamar a

polícia ou mesmo agredir o segundo jovem, novamente, por considerá-lo uma ameaça.

Existem, apesar dos modelos individuais, pontos em comum no entendimento de fenômenos pelas pessoas. É comum, por exemplo, que a maioria das pessoas na terra atribua a característica de “incolor” à água, na tentativa de simbolizar uma característica física da mesma. Toda a sorte de símbolos contém um entendimento individual, porém, é provável que existam pontos em comum deste entendimento a um grupo de pessoas, ou seja, que um símbolo tenha o mesmo significado certos indivíduos. Este entendimento conjunto ocorre em maior ou em menor nível. É provável que dentro de uma família constituída de pai, mãe e filho, boa parte dos símbolos tenha o mesmo significado entre eles, uma vez que a interação entre os membros é constante. Porém, isto é relativo, já que esta interação pode ocorrer em maior ou menor grau, dependendo do nível de envolvimento dos membros.

Este fenômeno, o entendimento comum, ocorre também em outros âmbitos sociais, como em uma escola, no ambiente de trabalho, em um estado, em um país, em um continente, e finalmente, em nível mundial. Quanto maior o grupo em questão, menor é a chance de que um símbolo represente a mesma coisa para todos, por uma questão de probabilidade. Como dito antes, as imagens mentais são formadas a partir da experiência de fenômenos por um indivíduo, mas neste caso, fala-se apenas das interações sociais. Um indivíduo hipotético interage com um grupo social, por exemplo, na escola. No entanto, existem outros grupos com quem ele interage, ou interagiu durante a sua vida, que modificam, ou reforçam os seus modelos mentais, dando outros significados aos símbolos que antes ele poderia ter em comum com o grupo social da escola. Antes mesmo de começar a interagir com este grupo social, é provável que ele já tenha imagens mentais formadas, que podem ser modificadas conforme ele interaja com o grupo ou não, dependendo da postura assumida no contato com o mesmo, que pode ser de resistência, aversão, ou de aceitação. Logicamente, este processo de assunção de uma postura também ocorre com o grupo em relação ao indivíduo, uma vez que, como no exemplo dado anteriormente, os símbolos transmitidos pelo indivíduo tenham um significado para o grupo que cause aversão, e a conseqüente não aceitação do indivíduo.

A questão da aceitação de um indivíduo por parte de um grupo, tem um importante significado na sociedade, uma vez que é comum um indivíduo tentar se adequar aos modelos de um grupo. Este comportamento ocorre também no

ambiente de trabalho, onde o indivíduo interage com uma cultura organizacional previamente estabelecida (ROBBINS, 1999). No processo seletivo, a análise de currículo, os testes aplicados e as entrevistas têm o propósito de filtrar estes candidatos para se achar o mais apto a desempenhar o determinado papel dentro da empresa. Uma vez inserido no ambiente de trabalho, a individualidade entra em contato com os modelos mentais aceitos no mesmo. Os conflitos gerados nesta interação podem ocorrer se houver resistência de ambas as partes na aceitação ou absorção de símbolos (a absorção que se cita, é a integração do significado de um símbolo a outro. A aceitação trata da convivência pacífica com algum símbolo alheio).

A comunicação de um símbolo não precisa necessariamente transmitir francamente a individualidade de alguém, mas sim, pode emular um comportamento desejado, mesmo que esteja em total desacordo com as imagens mentais internas. Um empregado hipotético pode emular uma simbologia (linguagem, expressões, vestimenta e etc.) que transmite a idéia de que ele é uma pessoa que se encaixa no perfil desejado de “trabalhador sério e comprometido com a organização”, quando na realidade este processo de emulação diária de um comportamento que não faz parte do indivíduo é motivo de grande estresse (uma vez que, para emular um comportamento contradizente com a realidade interna, ele deve a todo o momento estar atento para não transmitir involuntariamente a sua real natureza).

Uma das questões enfrentadas pelo pesquisador que se dedica à Fenomenologia é a transposição deste ideal de ciência ao âmbito de pesquisa propriamente dito. As dificuldades vão desde a adaptação à realidade científica, quanto à formulação de um método que alcance o ideal científico desejado. Vários modelos foram propostos na tentativa de adaptação, porém, um obstáculo, muitas vezes ignorado, mantém-se persistente: como explorar a experiência de uma outra pessoa? Pois, a experiência individual é, logicamente, percebida por aquele que a experiencia. Os fenômenos são diretamente percebidos por aquele que experiencia, e portanto, o seu significado é sempre verdadeiro para o indivíduo (sendo verdadeiro assumido não como modelos aceitos por uma maioria, mas como verdades internas a alguém, a verdade da percepção de um fenômeno, a própria experiência pura de algo, que em si é uma verdade, pois existe no âmbito perceptivo do indivíduo, a verdade da consciência. As imagens mentais decorrentes da percepção pura de algo, portanto, são tentativas de se simbolizar alguma experiência de fenômeno.

Deste modo, no universo de um indivíduo, não existem falsidades, mas apenas percepções incompletas acerca de um fenômeno).

Há duas formas lógicas desta exploração da experiência alheia acontecer: ou o explorador toma a posição da consciência do indivíduo (por meio de um processo de empatia), assume os seus modelos mentais e experiencia diretamente um fenômeno (o que é demasiado trabalhoso, e ainda há de se assumir o perigo de se integrar aos modelos mentais assumidos, os modelos mentais do próprio explorador, um vez a dificuldade de cessar completamente os modelos mentais, como idealizado), ou a experiência de um fenômeno é transmitida por meio de símbolos ao explorador pelo ser explorado.

Outros métodos são cogitáveis, como o registro direto da experiência de um indivíduo sem a necessidade da transmissão simbólica, porém, ainda não há tecnologia capaz de realizar tal coisa. Na comunicação simbólica há ainda o problema do significado individual. É precisamente na transmissão dos símbolos que reside o problema em questão. Alguns pesquisadores, como Sanders (1986), Van Kaam (1959), Colaizzi (1978) e Giorgi (1985), idealizaram que, por meio de uma entrevista, onde perguntas acerca de um fenômeno dirigidas a um indivíduo, anotar-se-ia os símbolos transmitidos (no caso a linguagem) da forma exata como foram ditados, sem qualquer modificação por parte do explorador. Na forma, a linguagem individual assume significados particulares, e por isso, as particularidades da mesma não podem ser omitidos ou modificados. De acordo com Sanders (1986), uma entrevista semi-estruturada leva a respostas por parte do explorado, e conseqüentemente, revela símbolos que a compreensão só poderá se dá no momento em que se aprofundarem os seus significados por meio de outras perguntas. Porém, esta compreensão do símbolo transmitido é sempre incompleta. Há de se considerar que a linguagem nem sempre é capaz de traduzir toda a experiência. Há termos que não contemplam a totalidade daquilo que se quer passar. Portanto, a linguagem é uma transmissão de uma percepção incompleta de algo por meio de um símbolo com significado incompleto. A linguagem agrava, portanto, a situação da parcialidade da experiência.

Os registros obtidos com a entrevista de um indivíduo revelam uma parcialidade de uma percepção parcial. No entanto, mesmo sendo registros parciais, contém informações relevantes acerca da experiência de algum fenômeno por parte de um indivíduo. Por uma questão de experiência do fenômeno, e se for possível ao

explorador, uma alternativa de exploração talvez seja a soma de métodos investigativos, para deste modo formar uma visão mais ampla de um fenômeno. Por exemplo, além da entrevista e do registro dos símbolos transmitidos pelo explorado, o explorador pode também reduzir o seu ser ao máximo até o ponto de consciência pura (livre de modelos mentais) e experienciar diretamente um fenômeno nas mesmas condições do explorado. Deste modo, as impressões geradas pelas percepções do explorador possam somar-se às transmitidas pelo entrevistado, e a parcialidade da transmissão de uma experiência pode ser amenizada, uma vez que o mesmo fenômeno foi experienciado por outra pessoa. Neste caso, a tradução de uma experiência com outros símbolos pode ajudar a compor um quadro maior acerca do fenômeno.

A análise dos dados obtidos também é um ponto crítico nos métodos até agora propostos por pesquisadores. Trata-se da interpretação do pesquisador daquilo que foi registrado na entrevista. Nesta etapa, o pesquisador decodifica os símbolos transmitidos, atribuindo-lhes importância e relacionando-os dentro do contexto da experiência. Este processo agrava ainda mais a parcialidade da experiência, uma vez que a decodificação é a interpretação de uma transmissão parcial de uma percepção parcial. Ainda sim, mesmo dentro desta cadeia de consecutivas visões parciais acerca de um fenômeno, dados podem ser extraídas e transformados em informações (mesmo que o processo tenha subtraído valor e força destas informações).

Uma organização depende de seus colaboradores. Decisões gerenciais são tomadas de modo a maximizar a eficiência e eficácia do trabalho destes colaboradores. Um dos fatores de maximização é a motivação dos mesmos, ou seja, o quanto eles estão dispostos a se dedicar à organização em questão. A motivação de um indivíduo, como demonstrado anteriormente, está diretamente relacionada com o objetivo pelo qual ele em primeiro lugar cogitou trabalhar naquele lugar. Várias técnicas motivacionais foram desenvolvidas com o intuito de elevar a satisfação do colaborador em trabalhar na organização, levando-se em conta diferentes teorias comportamentais. O behaviorismo, por exemplo, analisa o comportamento humano tendo como base o comportamento dos animais, de que um reforço positivo incentiva uma ação desejada, enquanto que um reforço negativo desincentiva um comportamento indesejado (MAXIMIANO, 2004). Em outras palavras, quando um colaborador comporta-se de maneira desejada, ele recebe

uma recompensa. Quando acontece o contrário, ele é punido, e desta forma ele sofre uma espécie de “adestramento”.

Há a teoria da Pirâmide das Necessidades de Maslow (MAXIMIANO, 2004), onde se teoriza que o ser humano tem necessidades inatas que devem ser cumpridas em ordem ascendente, desde as mais básicas, como alimentação e moradia, até as mais elevadas como auto-realização. As necessidades mais elevadas dependem das básicas como em uma espécie de fundação. Se em algum momento uma necessidade em uma posição abaixo na pirâmide deixar de ser saciada, as que estão acima também deixam de ser saciadas, apenas voltando ao estado anterior quando a básica for saciada. Enfim, existem inúmeras outras teorias acerca do comportamento humano, e elas foram usadas para a criação de métodos que, espera-se, aumente a motivação, e logo, a eficiência e eficácia dos colaboradores.

No entanto, vale ressaltar que, como toda teoria, trata-se de uma visão, de uma percepção de algum fenômeno, quando posta à luz do que até agora foi exposto. Sendo uma visão parcial, o objeto de ponderação, que no caso é o comportamento humano, é teorizado com base em uma visão incompleta do que realmente é. Seguindo esta linha de raciocínio, as teorias comportamentais até agora expostas contemplam apenas uma parcela distorcida daquilo que é o comportamento humano, no entanto, há uma evolução perceptível quanto à visão do comportamento. Percebe-se que uma teoria comportamental sucessora abarca a visão das teorias anteriores e acrescenta mais percepções próprias, aumentando assim o a composição percebida do fenômeno (o próprio comportamento).

5 CONCLUSÃO

Do ponto de vista acadêmico, a aplicação do método fenomenológico está sujeita a uma maior discussão acerca da sua própria definição como método, ou seja, definir os seus processos investigativos com maior clareza. A discussão apresentada de maneira alguma tocou em todos os aspectos relativos à discussão do método, pois a fundamentação da sua complexidade não está embasada na dificuldade de discussão de um tema isolado, mas sim na abrangência que temas a que o desencadeamento lógico de idéias leva o investigador. A riqueza de possibilidades associativas de temas internos e externos ao método é ampla. Isso se

dá pela própria natureza do método, pois, ele investiga não apenas o ser humano como princípio básico de toda investigação e produção de conhecimento, mas também contempla o próprio processo de experienciação do mundo, e conseqüentemente, de toda a experiência humana.

A discussão do método Fenomenológico não foca a imagem mental de ciência que os pesquisadores modernos possuem, mas sim, a própria essência da ciência, a sua unidade básica que é a própria consciência do ser, afinal, o conhecimento, antes de qualquer método, está em função da percepção do mundo e da sua cristalização por meio dos modelos. A principal contribuição que esta discussão pode trazer às ciências é, usando termos próprios do método, ampliar a percepção do que é o conhecimento, ou seja, questionar o modelo, o paradigma atual do que é a ciência e o que é o conhecimento. Ampliando-se a percepção do modelo, amplia-se na verdade o universo de possibilidades. Antes, o que seria descartado como dado investigativo, uma vez tendo em vista a validade da experiência da percepção de mundo por meio do ser, poderá ser considerado válido.

Os diferentes métodos, no fim, investigam aspectos diferentes da realidade. Foi percebido na discussão, que não se trata de um método científico ser melhor ou mais completo que o outro, mas a pergunta é “como esse método colabora para a composição do quadro a que chamamos de realidade?”. O método não é o conhecimento, ele é um meio pelo qual se adquirem dados, para posteriormente haver a produção de conhecimento. Deste modo, o quadro geral da realidade conhecida pelo ser humano está fundamentado apenas na amplitude da sua percepção dos fenômenos ao seu redor. Os métodos são modos diferentes de se contemplar as várias manifestações desta realidade.

Quando se rejeita um destes modos, não se está rejeitando um modo “errado” de se fazer “ciência”, mas sim, rejeita-se uma ferramenta de percepção que contempla um espectro de fenômenos particulares a ela. Sendo a percepção acerca de algo o fator determinante para a construção de uma imagem mental (no caso, o conhecimento acerca de algo), limita-se o conhecimento quando se limita o mundo a umas poucas ferramentas perceptivas. Limita-se, enfim, as possibilidades de composição da realidade.

Em questões práticas, apesar da carência de fundamentações sólidas, o método ainda assim tem possibilidade de aplicação, no que tange a investigações de seres capazes de simbolizar experiências, e transmitir estes símbolos. A

investigação do ser humano é facilitada neste caso, pois, apesar de haver dificuldade na decodificação e falta de profundidade na percepção de um símbolo alheio, o contato entre investigador e objeto de estudo é facilitado, permitindo uma aproximação maior e, conseqüentemente, uma compreensão maior do ser e do que pretende transmitir.

Os métodos de investigação a serem usados pelo investigador, neste caso, devem ser cuidadosamente escolhidos e adaptados para cada caso em particular, uma vez que, dependendo da escolha, a qualidade, a quantidade e a natureza dos dados coletados e decodificados no estudo podem ser muito distorcidas (além da distorção natural do processo de transferência e decodificação). Tendo isso em vista, as ciências que investigam os seres humanos e suas relações, como a Psicologia, Medicina, Enfermagem, Sociologia, Filosofia (em busca de essências humanas), Administração, entre outras, podem se beneficiar dos métodos propostos à Fenomenologia ou como meio em si de busca de dados ou como fonte de inspiração intelectual para a elaboração e aprimoramento de outros métodos. Em particular, para a Administração há muitas possibilidades para o uso deste método. Como se trata de uma ciência que lida diretamente com o ser humano, a Fenomenologia pode contribuir para uma compreensão maior de uma empresa acerca dos seus funcionários: suas necessidades, seus pensamentos, suas motivações, os modelos mentais que estão cristalizados.

Em relação ao ser humano e aos modelos derivados de experiência, a fenomenologia é útil como ferramenta investigativa para todas as áreas da Administração. Para a função Marketing, por exemplo, podem-se investigar os modelos mentais referentes a uma marca em um grupo de pessoas: qual o conjunto de emoções, características, valores percebidos, sentidos que constituem a imagem de um produto na mente dos consumidores? Qual a necessidade que o consumidor procura sanar quando adquire certo produto? Qual a origem desta necessidade? É possível sanar a necessidade focando diretamente na sua essência? Para os Recursos Humanos, pode-se utilizá-lo para entender melhor o que motiva os funcionários a trabalharem em uma determinada empresa, e a partir disto tomar decisões com o intuito de trazer mais satisfação a eles, pode-se averiguar qual o modelo mental que os funcionários têm da empresa, e tomar ações específicas para modificá-lo (assim também como no Marketing em relação a algum produto). Enfim, as possibilidades de aplicação deste método na Administração são inúmeras,

trazendo uma nova percepção de fenômenos (funcionários e consumidores) que por meio de outros métodos não é possível.

Esta ampliação da percepção dos seres humanos trará novos dados que podem ser utilizados na resolução de problemas, conflitos, aprimoramento de modelos administrativos, análise de mercado, aplicação de soluções financeiras, dentre muitas outras possibilidades de aplicação.

No entanto, o produto da aplicação deste método está sujeito a maiores distorções, mal uso e má interpretação quando o investigado, ou investigador, não realiza de forma adequada a investigação ou a análise dos dados obtidos. No primeiro caso, o ser explorado pode não se sentir à vontade para transmitir símbolos ao investigador, ocasionando em dados distorcidos ou falsos. No segundo caso, o responsável por analisar os dados coletados pode, ser parcial e decodificar os dados obtidos espelhando nos mesmos as suas próprias imagens mentais ou induzir o entrevistado, o que tiraria todo o teor simbólico próprio do investigado e reproduziria apenas os modelos próprios do investigador. Estas complicações hipotéticas têm como fonte uma falha no processo de redução do ser à simples consciência. No caso, o funcionário que transmite códigos falsos e o investigador que os analisa ou coleta de forma dirigida, se desviam da proposta do método distorcendo os dados de forma a concretizar uma intenção que não é a de pura transmissão de experiência.

Deste ponto de vista, torna-se um desafio aplicar o método em ambientes de trabalho onde os funcionários carregam em seus modelos mentais o medo, a desconfiança quanto à empresa e seus colaboradores, uma vez que no processo de transmissão de símbolos, aquele que transmite revela as constituições do seu ser ao investigador. Se houver algum tipo de receio quanto a esta transmissão, os símbolos distorcidos quanto à realidade dos modelos poderão ser transmitidos em um processo de autodefesa. Portanto, cabe aos responsáveis pela aplicação deste método em um ambiente de trabalho julgar se é possível conseguir dados confiáveis acerca dos modelos mentais, e qual a melhor forma de se obtê-los.

Há, portanto, vários temas inerentes à discussão sobre o método fenomenológico que outros pesquisadores poderão abordar, tanto em relação ao método em si quanto ao seu impacto em outros. A aplicação deste método está condicionada a um estudo cuidadoso das condições ambientais e humanas, além da própria adaptação do método ao objeto de estudo e ao dado que se quer obter. Uma vez observados estes critérios, o método Fenomenológico é, em teoria, aplicável

tanto em ambiente acadêmico quanto em ambiente gerencial.

O objetivo geral, portanto, foi alcançado em partes. Apesar de ter-se tentado tecer um encadeamento lógico que derivasse o tema da aplicação do método à administração, não foi possível chegar a conclusões decisivas, mas apenas a especulações teóricas, que podem ser desenvolvidas futuramente a título de solidificação.

O artigo teve como prioridade focar nos aspectos analíticos dos dados, e por isso, a construção das bases teóricas foi o mais sucinto e sintético o possível. Desta maneira, foi priorizado apenas o entendimento considerado imprescindível à compreensão do segmento lógico da análise, e isso proporcionou mais espaço para a discussão do tema em si, sem se ater apenas a seus aspectos teóricos desconexos um ao outro. Como Sanders (1982), preferiu-se trabalhar em profundidade com um volume menor de dados do que superficialmente com um volume grande de dados.

Algumas barreiras apareceram durante o desenvolvimento do artigo. O primeiro foi em relação ao próprio método fenomenológico. Por se tratar de um método filosófico de pesquisa, o material disponível acerca do assunto está em sua maioria concentrado em livros voltados ao seu estudo teórico-filosófico, e não em seu estudo prático. A praticidade do método está concentrada na aplicação nas áreas de saúde e na própria filosofia, quase inexistindo material referente à aplicação em outras áreas. Porém, por sua natureza universal de investigação, não foi dificultoso encontrar possibilidades de aplicação em outras áreas do conhecimento, apesar do escasso material disponível e da complexidade das implicações e correlações que o tema implica em seu desenvolvimento lógico. Por ser um tema abrangente, o formato de artigo não favorece o florescimento da discussão proposta, por conta do limitado espaço disponível. Por conta disto, a discussão ficou incompleta, carente de bases teóricas mais sólidas.

Como proposta para futuros estudos, é, antes de tudo, aconselhada a reformulação do presente artigo para o formato de monografia, onde o mesmo poderá ser discutido em maior profundidade. Feito isso, vários ramos de estudo são possíveis, todos eles necessários ao integral desenvolvimento do assunto. Surgem duas grandes ramificações de pesquisa: o estudo e desenvolvimento do método em si, e o transporte e uso prático do método nas ciências. Em particular, antes dos estudos da sua aplicação em Administração, ou em qualquer ciência em particular, o

desenvolvimento do método em si se faz necessário. É possível que futuros pesquisadores sintam-se encorajados a, ou recomeçar as discussões a partir das bases fenomenológicas de Husserl (ou mesmo alterando estas bases), ou desenvolvendo as teorias e métodos já formulados por outros pesquisadores.

É aconselhado o estudo da natureza do ser quanto à consciência, a natureza fenomenológica do universo de experiência, a reformulação de questões filosóficas à luz do novo método, as implicações da mudança de paradigmas filosóficos na filosofia em si e no universo prático. Após a solidificação destes temas, e de outros que podem ser relevantes ao assunto, o transporte para as ciências é possível. Desta maneira, retendo-se à ciência administrativa, é aconselhado o estudo do ser humano como agente do ambiente laboral, a experiência do trabalho (do ponto de vista humano), as implicações do trabalho na experiência de vida do ser humano (experiência de vida no sentido da experiência e se estar vivo), quais os benefícios que estes estudos podem trazer às empresas, entre outros temas tanto derivados quanto complementares a estes.

REFERÊNCIAS

COLAIZZI, Paul F. **Psychological Research as the Phenomenologist Views It**, in: VALLE, Ronald S.; KING, Mark. **Existential Phenomenology Alternatives for Psychology**. New York: Oxford University Press, pp. 16-29, 1978

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GIORGI, Amedeo (ed.). **Phenomenology and Psychological Research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, pp. 7-10, 1985.

KOCKELMANS, Joseph J. **Edmund Husserl's Phenomenology**. West Lafayette: Purdue University Press, 1994

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

ROBBINS, Stephen P. **Comportamento organizacional**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

SANDERS, Patricia. **Phenomenology: A New Way of Viewing Organizational Research**. Academy of Management review. Vol 7, nº3, pp 353-60, 1982.

SENGE, Peter M. **A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende**. Tradução OP Traduções; Consultora Zumble Aprendizagem Organizacional. 24. ed. Rio de Janeiro: Bestseller, 2008.

THOMAS, Ransom Giles. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

VAN KAAM, A. **Practicing phenomenological writing**. Phenomenology and Pedagogy. Vol. 2, nº 1. pp. 6-39, 1984.